

ALUCINÓGENOS

EUFORIA, DISTORÇÕES VISUAIS, “VIAGENS” BOAS OU RUINS SÃO ALGUNS DOS EFEITOS DESSE TIPO DE DROGA. MAS OS PERIGOS PARA O ORGANISMO EXISTEM E O CONSUMO DESCONTROLADO PODE LEVAR À DEPRESSÃO, PARADA CARDÍACA E ATÉ À MORTE

O QUE SÃO?
São substâncias químicas que causam alterações do estado mental. Usualmente, provocam distorções de sensações. No grupo dos alucinógenos não-naturais, estão: o LSD (derivados do ácido lisérgico) e o ecstasy (metilenodioximetano)

ALUCINÓGENOS

ECSTASY
O principal componente do ecstasy é uma substância chamada metilenodioximetano (MDMA), uma mistura de estimulante e alucinógeno. A semelhança com qualquer remédio em forma de comprimido, como aspirina, facilita o consumo e dificulta a apreensão

HISTÓRICO
O ecstasy começou a ser usado como inibidor de apetite em 1914. Na década de 60, passou a ser consumido para finalidades não-médicas. Comprovado cientificamente seu efeito de alteração da consciência, foi adotado por psicoterapeutas americanos em tratamentos de pacientes com dificuldades de expor seus conflitos

EFEITOS
O usuário fica em estado de euforia com efeito de sete horas

OS RISCOS DO USO

Danos ao cérebro: Estudos em cérebros dos cadáveres de usuários de ecstasy comprovaram danos nas células nervosas. Essas pessoas apresentavam maior tendência à paranóia, epilepsia e comportamento violento

Depressão: Quando o efeito da droga passa, depois de aproximadamente sete horas, o sentimento de prazer e felicidade dá lugar a uma profunda depressão. O organismo estranha quando volta ao estado normal. O corpo pede mais

Febre: o maior perigo imediato é o aumento da temperatura. Com vários comprimidos, a pessoa pode ter uma febre superior a 41°C, provocando a coagulação do sangue, convulsões e parada cardíaca

Desidratação: o aumento de temperatura permite que o corpo transpire muito e, com isso, perca líquido. Em raves lotadas, alguém que passa seis horas em pé ou dançando pode perder até três litros

LSD
É um composto químico semi-sintético produzido em laboratório. Este forte alucinógeno se apresenta de diversas maneiras, como um pó branco, em tabletes, na forma líquida ou em papel impregnado com a droga (que é a forma mais comum)

HISTÓRICO
Foi descoberto acidentalmente pelo cientista suíço Hoffman. A partir disso, a dietilamida do ácido lisérgico (LSD) foi utilizada em experiências terapêuticas como em tratamento de doentes mentais. Hoje, sabe-se que ela não tem utilidade médica. Pequenas doses provocam grandes alterações

EFEITOS
Alterações visuais e alucinações. A duração da “viagem” depende da quantidade ingerida

OS RISCOS DO USO

Aumento da frequência cardíaca: As súbitas distorções perceptivas e visuais podem provocar uma aceleração dos batimentos do coração

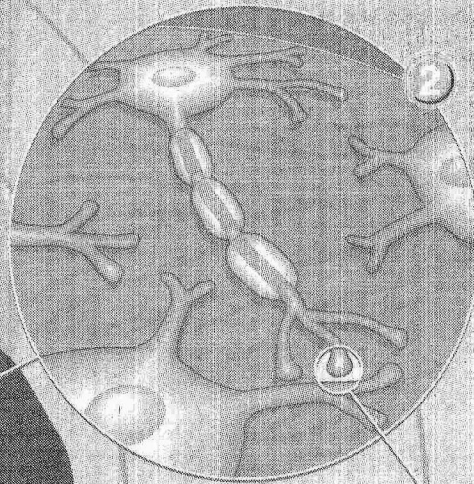
Riscos de aborto e má formação fetal: Os descendentes de mulheres que regularmente usam o LSD durante a gravidez têm alto risco de apresentar deformidades

Comportamentos perigosos: podem ocorrer casos de comportamento violento com tendência suicidas e de auto-mutilação

Depressão: Pode ocorrer uma diminuição da motivação e do interesse ou prolongada depressão e ansiedade devido a uma viagem ruim

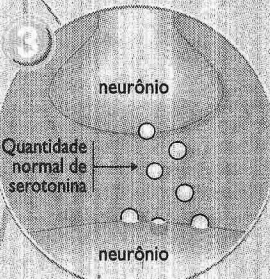
EFEITO NO CÉREBRO

1 Depois de entrar na corrente sanguínea, a droga age sobre as células nervosas que liberam uma substância chamada serotonina

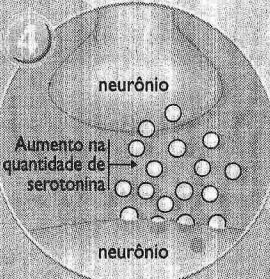


A rede nervosa é constituída de mais de 12 bilhões de neurônios. A comunicação entre eles é que nos permite pensar e viver. A ligação entre um neurônio e outro é feita por meio dos neurotransmissores

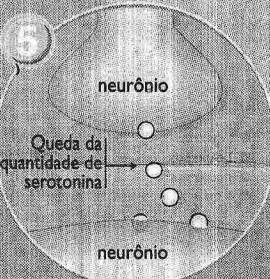
A serotonina é um neurotransmissor que regula o estado de humor, boa parte dos sentidos, das emoções e da coordenação motora



O aumento da quantidade de serotonina superestimula a rede nervosa provocando várias alterações, mas principalmente uma sensação de prazer e felicidade



Quando o efeito passa, os níveis de serotonina caem e o organismo estranha, podendo entrar em depressão. O usuário então passa a querer mais droga, para recuperar a sensação de prazer. É vício



Rodrigo Caetano (texto)
Rubens Paiva (infografia)

Valéria (nome fictício) tinha 26 anos quando resolveu experimentar o *doce*, nome popular do ecstasy nas festas raves de música eletrônica. A estudante de Desenho Industrial da Universidade de Brasília (UnB), hoje com 28 anos, lembra muito bem da sensação: “Foi uma euforia muito grande. Tudo era lindo, maravilhoso. Não parei de dançar um minuto sequer”. Ao som do tum-tins-tum, a jovem dançou sete horas seguidas — enquanto durou o efeito da droga. Atualmente, Valéria diz que não toma mais ecstasy, mas não teve medo na hora de tomar. A estudante lembra que, antes de decidir se ia comprar o *doce*, pesquisou pela Internet quais eram os efeitos e como deveria agir. “Li sobre casos de ingleses que, de-

pois de tomaram vários comprimidos, entraram em coma e morreram”, comenta. Mesmo assim, ela decidiu pagar R\$ 50,00 pelo comprimido, que é parecido com uma aspirina. E garante: é fácil conseguir a droga. Mas ela não é tão inofensiva quanto pode parecer. O neurologista Keller de Oliveira, do Hospital Brasília, afirma que não há muitos estudos científicos que comprovem o poder viciante do ecstasy, mas os alucinógenos em geral causam alterações do estado mental do usuário, além de danos cerebrais de médio a longo prazo. “Isso vai depender do tempo de uso da droga e da predisposição genética do usuário em se viciar”, afirma Oliveira. O mecanismo dos alucinógenos é parecido. O ecstasy, por exemplo, depois de entrar na corrente sanguínea, age sobre as células que liberam serotonina — neurotransmissor (substân-

cias responsáveis pela comunicação do impulso nervoso) que regula o estado de humor, boa parte dos sentidos, das emoções e da coordenação motora. Assim, a droga aumenta a excitabilidade e a produção dos neurotransmissores, estimulando cada vez mais o cérebro. Quando o efeito do ecstasy passa, a pessoa cai em depressão, porque os índices destas substâncias químicas de ligação baixam bruscamente. O outro alucinógeno LSD, mais usado nas décadas de 60 e 70 do que nos dias de hoje, também interage com os diversos tipos de receptores do cérebro e altera as emoções, atuando principalmente no Sistema Nervoso Central (SNC). Depois de ingerido, o LSD é metabolizado pelo fígado. Mas, antes de ser eliminado, via fezes e urina, a droga provoca alterações sensoriais como percepção da cor e forma de objetos cuja intensidade depende

da dose utilizada. As características das alucinações variam de um indivíduo para o outro, de acordo com a personalidade. “As sensações podem ser agradáveis como a observação de cores brilhantes e audição de sons incomuns e, também, desagradáveis como sensações de deformidade externa do próprio corpo”, comenta Oliveira. Os efeitos físicos mais comuns são: dilatação das pupilas, sudorese, aumento da frequência cardíaca, hiperglicemia, aumento de temperatura, vômitos e náuseas.

SERVIÇO
KELLER DE OLIVEIRA
neurologista
Tel.: 364-5431
SITES NA INTERNET
Universidade Estadual de Campinas
www.epub.org.br
Instituto de Medicina Social e Criminalística de São Paulo
www.imesc.sp.gov.br